



Opinião Econômica

Solange Srour

Diretora de macroeconomia para o Brasil
no UBS Global Wealth Management



A contração que contratamos se aproxima

Estímulo fiscal alimentou consumo e emprego, mas a bonança está acabando

A economia cresceu em três anos além do que os fundamentos permitiriam sustentar. Um estímulo fiscal sem precedentes alimentou uma expansão do consumo e do emprego que se traduz em inflação persistente, expectativas desancoradas e um Banco Central sem espaço para aliviar a política monetária.

Esse ciclo de bonança está se encerrando, e a contração que se avizinha pode ser mais rápida e mais profunda do que o consenso antecipa.

O ponto de partida é fiscal. O governo expandiu gastos obrigatórios de forma estrutural, indexou transferências ao salário mínimo e multiplicou benefícios sem contrapartida em políticas capazes de gerar ganhos de pro-

ductividade. Só geraram consumo.

O aumento da carga tributária foi brutal, mas insuficiente, e, com a insegurança jurídica, estrangulou o investimento. Esse modelo tem prazo de validade curto, e a conta, quando chega, vem cara.

Esse custo começou a se materializar. A inflação corrente voltou a preocupar, e, mais grave, as expectativas para horizontes mais longos seguem se desancorando. O BC corre o risco de perder o principal ativo da política monetária: a credibilidade. Nesse ambiente, qualquer afrouxamento será lido pelo mercado não como estabilização, mas como capitulação.

Não menos importante, há um forte choque de oferta. Os preços de commodities agríco-

las e energéticas seguem pressionados por tensões geopolíticas e pela reorganização das cadeias globais de produção. Em uma economia com mercado de trabalho aquecido, o repasse desses custos tende a ser maior. Quando a inflação, já elevada por fatores fiscais, passa a sofrer pressão adicional de choques, ela tende a reforçar o cenário de juros restritos por período prolongado.

Em um país com dívida elevada, déficits nominais expressivos e prazo médio curto, a reprecificação da trajetória de juros deteriora a dinâmica da dívida de forma muito intensa.

A inflação, que não foi causada por choques exógenos, mas turbinada por eles, pode contribuir para acionar um mecanis-

mo de dominância fiscal que estava adormecido. Quando isso ocorre, uma postura firme do BC pode deteriorar as expectativas em vez de ancorá-las, porque o mercado interpreta o aumento do custo da dívida como agravamento do risco fiscal. O Brasil não está nesse ponto, mas se aproxima desse risco com velocidade desconfortável.

A Selic em patamar alto por período prolongado já começa a interagir com o endividamento acumulado nos anos de expansão. Famílias com orçamento comprometido, inadimplência e empresas alavancadas precisando rolar passivos compõem um quadro de crédito frágil, que tende a deprimir a atividade.

E é aí que o risco de domi-

nância fiscal cresce por uma segunda via. Com o PIB contraindo, a razão dívida/PIB cresce mais rápido. O denominador encolhe, e o numerador segue pressionado pelos juros.

Para escaparmos desse cenário, só há um caminho: uma âncora fiscal crível, acompanhada de reformas que impeçam que ela volte a ser descartada. O choque de credibilidade precisa ser forte; não há espaço para gradualismo. Já quebramos todas as âncoras que construímos, e reconstruir credibilidade agora é mais custoso do que foi no passado.

O cenário externo, que poderia ser uma válvula de escape, mostrou nas últimas semanas ser mais desafiador. Inflação e dívidas em alta no mundo não são bons companheiros. Ao contrário, podem nos empurrar com mais velocidade para uma crise que, no fim das contas, nós mesmos contratamos.

Dívida
pesando
ou caixa
apertado?

Com o **Desenrola Brasil** no Banrisul, você encontra formas de reorganizar as finanças e seguir em frente, seja pessoa física ou empresa.



Balcão da Inovação tem foco em pequenas e médias indústrias do RS

/ DESENVOLVIMENTO

A falta de informações sobre acesso a linhas de apoio e recursos para o fomento à inovação nas indústrias, principalmente nas pequenas e médias (PMIs), é uma dor recorrente do setor. Em resposta a esse cenário, o Sistema Fiergs colocou em funcionamento o Balcão da Inovação, iniciativa que auxilia empresas gaúchas a encontrarem caminhos para crescer por meio da inovação.

“As pequenas e médias representam 95% das quase 53 mil indústrias gaúchas, tendo papel fundamental no desenvolvimento econômico do Estado, mas muitas vezes enfrentam dificuldades para acessar oportunidades de inovação e instrumentos de fomento. Temos compromisso com a competitividade e o crescimento dessas empresas”, desta-

ca o presidente do Sistema Fiergs, Cláudio Bier.

O atendimento organizado pelo Conselho de Inovação e Tecnologia (Citec) ocorre em três etapas e de forma gratuita. As empresas iniciam o processo respondendo a um formulário no qual descrevem o setor da empresa, os desafios enfrentados e como investem a inovação. Essas informações são analisadas para que sejam identificados especialistas e instituições mais indicados para apoiar cada caso, como centros de pesquisa, institutos tecnológicos, parques de inovação e consultores.

Na sequência, as empresas são colocadas em conexão com o ecossistema de inovação, com acesso a editais, programas de fomento, eventos, capacitações e iniciativas alinhadas às necessidades identificadas durante o atendimento. Entre as cone-

xões possíveis estão instituições como Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) e Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii).

Segundo o diretor do Sistema Fiergs e coordenador do Citec, Marcus Coester, as empresas sabem que existem linhas de apoio e recursos para inovação, mas, muitas vezes, encontram dificuldade para transformar uma ideia em um projeto estruturado e apto a acessar esses instrumentos. “O Balcão da Inovação foi pensado justamente para aproximar a indústria dessas oportunidades de forma mais simples e acessível”, avalia.

Em Caxias do Sul e região, está em operação um piloto em parceria com o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (Simecs) que amplia a abrangência do



TÂNIA MEINERZ/JC

Perfil de empresas tem papel essencial na economia gaúcha, diz Bier

Balcão da Inovação. Indústrias associadas à entidade contam também, desde abril, com apoio do Senai-RS na elaboração de projetos de inovação.

“Muitas PMIs ficam fora de editais de fomento à inovação não por falta de ideias, mas pela dificuldade técnica em estruturar projetos, atender contrapartidas e lidar com a complexidade dos processos. Em muitos casos, as empresas também não contam com áreas especializadas de pes-

quisa, desenvolvimento e inovação (PD&I)”, explica Coester.

Segundo o presidente do Simecs, Paulo Scopel, a parceria é fundamental para a conexão das empresas com oportunidades reais de fomento à inovação. “Com o acesso ao Balcão da Inovação, os associados passam a contar com informações qualificadas, orientação e caminhos mais ágeis para tirar projetos do papel e transformar ideias em resultados”, descreve.